

ASPECTOS DA JUNÇÃO EM CONTEXTO DE AQUISIÇÃO DE ESCRITA: UMA ABORDAGEM DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Patrícia Celene Senna da SILVA (UFMT)¹

Resumo: Neste trabalho, analisei os mecanismos de junção em contexto de aquisição de Tradições Discursivas da escrita. Minha pesquisa foi baseada na hipótese de Kabatek de que há uma correlação entre TD e junção. A pesquisa foi norteada pela seguinte questão: Como o emprego de mecanismos de junção pode refletir características de TDs e de mesclas de TDs durante o processo de aquisição de TDs da escrita? Para responder a essa pergunta, o objetivo geral da pesquisa foi descrever e analisar o comportamento sintático-semântico e pragmático dessas técnicas em diferentes TDs, identificando nele reflexos de mesclas de TDs.

Palavras-chave: Tradições Discursivas. Mecanismo de Junção. Aquisição.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisei os mecanismos de junção, em contexto de aquisição de Tradições Discursivas (TDs, daqui em diante) da escrita. Minha pesquisa foi baseada na hipótese de Kabatek de que há uma correlação entre TD e junção. O autor se fundamentou no afunilamento da perspectiva dos estudos de Biber (1988) e em outros trabalhos, como, p. e., os de Raible (2001; 1992 *apud* KABATEK, 2005a/c).

Assim, realizei, na linha de Kabatek, uma análise centrada em elementos que se mostram *sintomáticos* da configuração de diferentes TDs e que permitem, ao mesmo tempo, reunir e comparar quantidades maiores de textos. Esses elementos são os diferentes mecanismos de junção.

Nesse estudo, estive no foco das atenções o momento em que o sujeito (crianças) encontra-se envolvido no processo de aquisição de escrita.

A pesquisa foi norteada pela questão: Como o emprego de mecanismos de junção pode refletir características de TDs e de *mesclas* de TDs durante o processo de aquisição de TDs da escrita? Para responder a essa pergunta, o objetivo geral da pesquisa foi descrever e analisar o comportamento sintático-semântico e pragmático dessas técnicas em diferentes TDs, identificando nele reflexos de *mesclas de TDs*.

1. MÉTODO DE PESQUISA E *CORPUS*

¹ Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil.
senna_paty@hotmail.com

O universo da investigação é composto por 50 textos extraídos do Banco de dados sobre aquisição de escrita infantil, constituído para subsidiar os trabalhos do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq processo 400183/2009-9), coordenado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon.

Quanto ao método, foi realizada uma abordagem qualitativa, percorrendo, basicamente, duas etapas principais (i) Mapeamento dos esquemas de junção dos textos, com a caracterização qualitativa dos juntores baseada no cruzamento dos parâmetros sintático e semântico; (ii) Descrição e análise desses mecanismos de junção, em concernência com a bibliografia pertinente e o detalhamento dos objetivos em função da hipótese de trabalho.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Segundo Kabatek (2006), o ato comunicativo é sistematizado da seguinte maneira: o objetivo comunicativo, que é a capacidade universal de falar, é filtrado pelas escolhas linguísticas, que são particulares de cada língua, de acordo com o sistema linguístico e suas normas de usos, e, simultaneamente, pelas TDs, concretizando, assim, um enunciado desejado.



Tradições Discursivas (adaptado de Kabatek, 2005b, p.161).

Fundamentado nesse conceito, Kabatek faz uma definição geral do que são TDs:

Entendemos por Tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço entre atualização e tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (Kabatek, 2006, p. 512).

Dessa forma, os traços fundamentais para o estabelecimento de uma TD são a *repetição* e a *evocação*. Para exemplificar essa afirmação, Lopes (2008) traz um exemplo simple e ilustrativo como:

(i) “o emprego, no português brasileiro, do tratamento *senhor/senhora* para uma pessoa mais velha e desconhecida com quem não se tem nenhum tipo de intimidade” (p.22). Acrescento que esse emprego ocorre também para pessoas conhecidas que, por serem mais velhas, são tratadas com respeito, mesmo por aqueles com quem há intimidade. Nesses casos, nossa tradição recomenda o uso dessas formas mesmo não havendo nenhum impedimento gramatical para a utilização de *você/tu*; e

Nesse sentido, o uso recorrente de um juntor específico, em textos de uma determinada TD, também pode indiciar uma tradição ou uma mescla de tradições.

3. AQUISIÇÃO DE ESCRITA

À luz de estudos de Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson (2002), acredito que os dados da escrita inicial caracterizam material importante para o estudo do processo geral por meio do qual se constitui e modifica a complexa relação entre o sujeito e a linguagem, uma vez que contribuem, significativamente, para a discussão da natureza da relação sujeito/linguagem no âmbito de uma teoria da linguagem perpassada pelas TDs.

Em relação a isso, as autoras afirmam que “a aquisição da escrita é um momento particular de um processo mais geral de aquisição da linguagem. Nesse momento, em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história de sua relação com a linguagem” (p. 22).

Não estou com isso propondo um caminho natural e direto do oral para o escrito, mas destacando o papel das tradições da oralidade, que a criança já domina, no seu processo de aquisição de escrita. Ao papel da oralidade, soma-se, ainda, o papel das tradições que estarão ligadas à imagem da escrita passada pela escola.

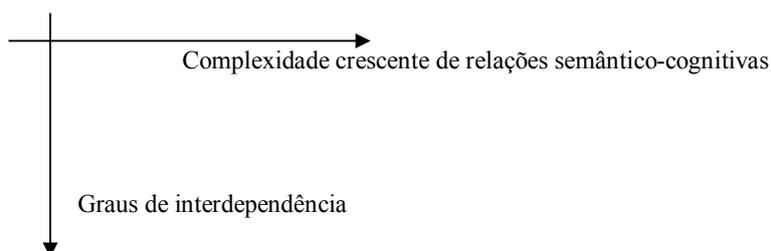
4. ESQUEMAS DE JUNÇÃO

Raible (2001; 1992, *apud* Kabatek, 2005a/c) chama *junktion* a dimensão universal da linguagem que permite a sistematização das diferentes técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais.

Nessa direção, o trabalho aqui relatado propôs a análise dos jutores a partir da conjugação de dois eixos, com diferentes graus de complexidade, conforme Raible (2001), a saber; um sintático (vertical) e outro semântico (horizontal). No eixo sintático, parte-se dos

elementos mais agregadores até os mais integradores, ou seja, da simples justaposição até os casos de hipotaxe.²

Acrescento a esse eixo vertical um horizontal, em que se somam as relações semântico-cognitivas expressas pelos juntores, seguindo uma “escala cognitiva de complexidade crescente”, como ilustra o esquema:



Da mesma forma como os juntores estão inseridos no eixo sintático, vertical, também estão no eixo horizontal, segundo o tipo de relação que expressam no enunciado. A construção da escala de organização da complexidade, feita por Lopes-Damasio (2011), pauta-se nas relações apresentadas como resultado de um estudo tipológico de Kortmann (1997), partindo das relações menos complexas, como a adição, até as mais complexas, como a *concessividade*.

A análise se fundamenta, assim, num modelo funcionalista de linguagem em que a relação entre as orações está pautada na não discretude dos processos de junção e, ao mesmo tempo, no cruzamento entre as informações sintáticas e semânticas, tal como segue esquematizado na tabela abaixo:

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo Simultâneo	Tempo Contingente	Tempo Anterior	Tempo Posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P													
H													

P= Parataxe
H= Hipotaxe

² A integração desse autor engloba as formas de interdependência de orações, propostas por Halliday (1985), incluindo também o encaixamento, i. é, vai desde a justaposição, até formas extremas de interdependência, como a nominalização, passando por etapas de subordinação. Como destacado acima, aqui, a análise se estenderá até a hipotaxe.

Para medir o grau de interdependência, o sistema de taxa se desdobra em parataxe e hipotaxe. A distinção entre elas encontra-se nos aspectos gramaticais das unidades envolvidas: (i) se ambas as orações são livres e constituem, assim, cada uma um todo funcional, a construção é paratática (ordem fixa); (ii) se, por outro lado, uma oração domina/modifica a outra, é dominante e, portanto, nuclear, enquanto a outra é dependente e, portanto, modificadora, a construção é hipotática (há dependência).

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Essa tabela mostra as quantidades relativas a cada mecanismo de junção usado pelos alunos de acordo com os diferentes graus de interdependência sintática (parataxe e hipotaxe), e as diferentes relações semântico-cognitivas.

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo Simultâneo	Tempo Contingente	Tempo Anterior
Parataxe	Ø (90) e (78) e também (16) mas (2) também (1) que (1) então (1)	ou (4)				as vezes (1)	primeiro (3) e (1) agora (1)
Hipotaxe			gerúndio (1)		depois (1) enquanto (1) quando (1)	quando (3) sempre quando (1)	gerúndio (1)

	Tempo Posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
Parataxe	Ø (47) e (48) aí (13) aí depois (1) daí (4) e depois (14) depois (5) em seguida (1)	e (23) Porque (14) Ø (15) que (1) aí (2) por isso (5) então (1) já que (1) agora (1)			e (3) mas(4) aí (1) então (1) só que (1)	
Hipotaxe		porque (6) por (1) gerúndio (1) que (1)	quando (18) se (8)	para (7) para que (1)	invés de (1)	mesmo que (1)

De acordo com essa tabela, chama a atenção para a grande recorrência dos casos de parataxe (405 ocorrências). Apesar desse dado, é importante destacar também que os casos de hipotaxe são relativamente significativos (54 ocorrências),

De forma genérica, no eixo horizontal, a relação de sentido mais presente nos textos é a de *adição* (189 ocorrências), aqui considerada como neutra – ou seja, quando há a possibilidade de alteração da ordem das orações articuladas com o mínimo prejuízo de sentido. Em seguida, tem-se a relação *temporal*, mais especificamente de *tempo posterior*, constatada em 133 ocorrências. A relação de *causa* foi observada em 72 casos, seguida pela de *condição* em 26 e, por fim, pela relação de *contraste*, constatada em 11 ocorrências.

Coerentemente com as relações de sentido mais recorrentes nos *corpus*, os mecanismos de junção que apresentam frequência *token* (que diz respeito à frequência textual de ocorrência de um item/construção independentemente de seu significado) mais significativa são: *e* (153), \emptyset (152), *quando* (22), *porque* (20) e *também* (16), *aí* (16), *e depois* (14), *se* (8) e *para* (8). A multifuncionalidade desses itens está diretamente ligada às relações semântico-cognitivas de adição, tempo, causa e condição, conforme apontado anteriormente.

5.1 Os usos de *e*

Foram observadas 105 ocorrências do juntor *e*, 16 de *e também* e 14 de *e depois*, distribuídas principalmente em casos de parataxe com acepções de adição (*e* (78); *e também*), tempo anterior (*e* (1)) e posterior (*e* (48)); *e depois* (14)), causa (*e* (23)) e contraste (*e* (3)). A multifuncionalidade e a polissemia de *e* já foi tema de vários estudos de cunho funcionalista, mas aqui servirá como índice do trânsito da criança por distintas relações semântico-cognitivas, menos e mais complexas, conjugadas a uma *taxe* mais simples, o que exige do analista uma sensibilidade para, a partir do contexto, inferir as relações pretendidas.

O próximo texto, transcrito em (02), foi produzido a partir da proposta 13 “Palestra sobre voz”. Nesse dia, as crianças assistiram a uma palestra sobre audição e a um teatro de fantoches sobre os cuidados com a voz. Após a palestra, foi solicitado que as crianças escrevessem sobre o que elas haviam compreendido.

(02) eu escutei uma paléstra da Cristiane
e de quato meninas e de Renata e o méis
pasado ela falou do ovido e oge
ela falo comé que agente souta son

pela boca Ø tem o motorzinho que é
 labirinto que sobe pelo pumão
 mais tem os labirinto e machucar
 o caninho e machuca toda agarganta
 é muito perigoso e pode atémorer
 Ø tén um caraso na garganta.
*Ø A xiquinha todo dia ela fala com
 os animais é a vaca o boi o pasarin e
 burro.* [0113-05]

Nesse texto, há uma mescla entre a TD relato, em que a criança conta tudo o que aprendeu na palestra, e a TD narrativa, em que narra, muito resumidamente, a história apresentada no teatro de fantoches (trecho em itálico). O texto mostra também, ocorrências do juntor *e* com distintas acepções, tais como adição neutra (i), tempo anterior (ii), tempo posterior (iii) e causa paratática (iv):

(i) [...] *mais tem os labirinto e machucaro caninho e machuca toda agarganta é muito perigoso* [...]

(ii) *eu escutei uma paléstra da Cristiane e de quato meninas e de Renata e o méis pasado ela falou do ovido e oge ela falo comé que agente souta son pela boca.* [...]

(iii) *eu escutei uma paléstra da Cristiane e de quato meninas e de Renata e o méis pasado ela falou do ovido e oge ela falo comé que agente souta son pela boca.* [...]

(iv) [...] *mais tem os labirinto e machucar o caninho e machuca toda agarganta é muito perigoso e pode atémorer* [...]

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi de analisar os mecanismos de junção, em contexto de aquisição de TDs da escrita. De modo geral, com a análise dos dados pude perceber que sobre a composicionalidade das TDs o sujeito, ao escolher o conjunto de juntores, transita pelo que é fixo na tradição e pelo o que é lacunar. Como Longhin-Thomazi (2011) explica, ao assumir que são as TDs que condicionam o tipo e a frequência dos esquemas de junção, o fixo estará presente nos texto, o lacunar também constituirá o processo de escrita, pois a opção pelo mecanismo de junção é sempre uma escolha individual. Por estar em processo de aquisição da tradição de escrita, a forma da criança lidar com o fixo e com o lacunar será de formar particular.

Nesse processo de aquisição, a criança usará mão da enunciação que domina, ou seja, os textos orais. Por isso a escolha dos mecanismos de junção terá como base os utilizados pelo sujeito na oralidade.

De acordo com a análise, o maior número de mecanismos encontrados pertence ao eixo paratático, por ser um recurso bastante característico da fala, pois a tradição oral é fundada num dialogismo que exige do outro uma participação maior na construção de sentido.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Cenas de Aquisição de escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

BIBER, D. Variation across speech and writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In. ____ An introduction to Funcional Grammar. New York: Arnold, 1985.

KABATEK, J. Introduccion. In ____ (ed.). Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Iberoamericana, 2008.

____ Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. Lexis XXIX. 2, p. 151-177, 2005a.

____ Sobre a historicidade dos textos. Linha d'água 17, p. 157-170, 2005b.

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el exemplo del tratamiento vuestra merced em español. In: KABATEK, J. (ed.). Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KORTMANN, B. Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages. Berlin-New York, Mouton de Gruyter, 1997.

RAIBLE, W. Linking clause. In. HASPELMATH et al. Language Typology and Language Universals. Berlin e New York: Walter de Gruyter, Vol. 1, 2001, p. 590-617.

LOPES-DAMASIO, L. R. Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização. São Paulo: Cultura Adêmica, 2011.

____ A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.